



Estudios sobre las Culturas Contemporáneas
ISSN: 1405-2210
januar@uclm.mx
Universidad de Colima
México

Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes de da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

Rossetti, Regina; Martinez Munhoz, Marcos

Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes de da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. XXIII, 3, 2017

Universidad de Colima, México

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406005>

Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes de da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

Regina Rossetti * rrossetti@uscs.edu.br

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

Marcos Martinez Munhoz ** mfradini@hotmail.com

Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Brasil

Estudios sobre las Culturas
Contemporáneas, vol. XXIII, 3, 2017

Universidad de Colima, México

Recepção: 19 Setembro 2015
Aprovação: 30 Janeiro 2017

Redalyc: [https://www.redalyc.org/
articulo.oa?id=31652406005](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406005)

Resumo: O objetivo deste artigo é tratar do impacto de um documentário televisivo no ritual religioso de purificação do corpo realizado pelos Penitentes da cidade de Barbalha no sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil. Trata-se do impacto da publicização trazida por uma narrativa midiática a uma tradição religiosa baseada na oralidade e na preservação da identidade cultural de seus membros. Aborda questões sobre a penitência no catolicismo popular e as consequências da exposição midiática e espetacularização do ritual religioso de autoflagelo. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica, pesquisa documental com análise do documentário televisivo produzido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e entrevistas com os últimos penitentes remanescentes do grupo de Barbalha pertencentes à chamada Irmandade da Cruz.

Palavras-chave: Comunicação, Religião, Corpo, Documentário televisivo.

Resumen: La religión y la cultura popular: exposición a los medios de la comunidad de Cruz Hermandad de los Penitentes en Cariri región de la zona de influencia en el estado de Ceará, Brasil

El propósito de este artículo es abordar el impacto de un documental de la televisión en el ritual religioso de purificación del cuerpo alcanzado por Barbalha City Penitentes en el interior de Cariri en Ceará, Brasil. Éste es el impacto de la publicidad presentada por una narrativa multimedia a una tradición religiosa basada en la tradición oral y la preservación de la identidad cultural de sus miembros. Aborda preguntas sobre la penitencia en el catolicismo popular y las consecuencias de la exposición a los medios y el espectáculo del ritual religioso de auto-flagelación. La metodología se basa en la literatura especializada, en la investigación documental, en el análisis del programa de televisión producido por el Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), así como en entrevistas con los últimos penitentes restantes del grupo Barbalha pertenecientes a la denominada Hermandad de la Cruz.

Palabras clave: Comunicación, Religión, Cuerpo, Documental de TV.

Abstract: Religion and Popular Culture: Media Exposure of the Community of Cross Brotherhood of Penitents in Cariri Hinterland Region in the State of Ceará, Brazil

The purpose of this article is to address the impact of a television documentary on the religious ritual of body purification achieved by Barbalha City Penitents in the hinterland Cariri in Ceará, Brazil. This is the impact of the publicity brought by a media narrative to a religious tradition based on oral tradition and the preservation of the cultural identity of its members. Addresses questions about penance in the popular Catholicism and the consequences of media exposure and spectacle of religious ritual of self-flagellation. The methodology involves literature, documentary research with analysis of the television documentary produced by the Sistema Brasileiro de Televisão

(SBT) and interviews with the last remaining penitents of Barbalha group belonging to the so-called Brotherhood of the Cross.

Keywords: Communication, Religion, Body, TV Documentary.

Religião ecultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

Na região do sertão do Cariri, no estado do Ceará, Brasil, um grupo de homens participam de um ritual próprio da cultura popular religiosa e de tradição oral, com costumes de ordem medieval adquiridos por meio de ensinamentos que foram modificados e adaptados a realidade brasileira. Este grupo, conhecido como os penitentes da cidade de Barbalha, surgiu no contexto de uma devastadora seca no Nordeste no século XIX, a grande seca na região do Crato. A enorme mortandade de seres humanos e animais causada pela seca logo foi associada a uma espécie de doença divina, levando os sertanejos a recorrerem a costumes religiosos medievais divulgados oportunamente pela memória eclesiástica cristã: o autoflagelo do corpo. Os idealizadores deste ritual de autoflagelo pretendiam, por meio das penitências em grupo e das demonstrações públicas de autoflagelo, purificar o corpo e se salvar da “peste” divina.

O objetivo deste artigo é tratar do impacto de um documentário televisivo no ritual religioso de purificação do corpo realizado pelos Penitentes da cidade de Barbalha no sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil. Trata-se do impacto da publicização trazida por uma narrativa midiática a uma tradição religiosa baseada na oralidade e na preservação da identidade cultural de seus membros. Para tanto, é feita pesquisa documental com análise do documentário televisivo produzido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e entrevistas com os últimos penitentes remanescentes do grupo de Barbalha pertencentes à chamada Irmandade da Cruz. Esse grupo de penitentes moram no Sítio Cabeceiras e no Sítio Lagoa localizados na zona rural da cidade de Barbalha. As entrevistas foram realizadas nos dias 21 e 22 de dezembro de 2012 nas próprias casas dos penitentes e duraram o dia todo. Nas entrevista eles relatam que na procissão da Semana Santa, que ocorre normalmente no mês de abril, eles caminhavam de um lado a outro da pequena cidade de Barbalha, em número de 12 pessoas, cantando seus benditos e buscando por meio da penitência a “salvação da alma”. A metodologia utilizada é a da entrevista em profundidade que tem por objetivo recolher respostas e informações a partir da experiência subjetiva de uma fonte selecionada.

Este artigo está estruturado em duas partes. A primeira parte aborda questões sobre cultura popular, catolicismo e a penitência do corpo por meio de pesquisa bibliográfica e trata da exposição midiática e espetacularização do ritual religioso de autoflagelo veiculada em um documentário televisivo de transmissão nacional por meio de pesquisa documental. A segunda parte traz as entrevistas realizadas pelos penitentes que tratam do impacto da publicização trazida por uma

narrativa midiática a uma tradição religiosa baseada na oralidade e na preservação da identidade cultural de seus membros.

Cultura e catolicismo popular

Cultura é algo próprio do ser humano, é como uma lente por meio da qual ele enxerga o mundo, segundo Laraia (2011:67). A palavra alemã *Kultur* servia para designar os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto o termo francês *civilization* referia-se ao aspectos materiais de um povo. Os dois termos foram sistematizados por Taylor (1871:1) no vocábulo inglês *culture*, que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e hábitos humanos em sociedade. Os rituais descritos neste estudo inserem-se em um contexto cultural, pois referem-se a conhecimentos passados de geração em geração por meio da tradição oral, a crenças religiosas, a costumes regionais tradicionais e hábitos adquiridos pelos penitentes em meio a sua comunidade.

Rituais penitentes realizados por leigos inserem-se entre as práticas de um catolicismo não ortodoxo que possui uma vertente de religiosidade popular. O catolicismo popular é caracterizado por práticas desvinculadas da religião oficial, com uma forma própria de ver o sagrado, também chamada de religiosidade popular.

Religiosidade popular é o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotados pelos fiéis. Essas práticas se alimentam dos usos oficiais sendo recriadas. Ainda conforme Oliveira, o catolicismo popular absorve elementos do catolicismo oficial, seus significantes, porém dar-lhes uma significação própria que inclusive pode opor-se à significação que os especialistas oficialmente lhe atribuem (Freire, 2001:8).

Para Suess (2001:17), o problema da cultura popular surge apenas nos ditos “círculos cultos” que, vendo com surpresa o que fizeram desaparecer, agora querem salvar as suas últimas ruínas. Em analogia, se pode dizer que as questões acerca da igreja popular e do catolicismo popular não foram perguntas do próprio povo, mas designam uma nova consciência de um problema da Igreja oficial como “problemas pastorais”. A cultura popular é algo vivido pelo povo, mas dificilmente refletido por ele.

O catolicismo popular participa da rotina de grupos que assumem seus locais sagrados, símbolos e modelos como uma interpretação particular dos ensinamentos eclesiásticos da Igreja Católica Romana, conforme descreve Boff:

O catolicismo popular, pelo fato de ser popular, está sempre relacionado com o catolicismo oficial romano. As doutrinas fundamentais, os santos, os sacramentos etc. os próprios católicos do catolicismo popular se confessam dentro da Igreja oficial dos clérigos. Por isso não se pode entender o catolicismo popular sem a manutenção da relação dialética com o catolicismo oficial (Vieira, 2001:22).

A expressão religiosa dos Penitentes de Barbalha, no sertão do Cariri, é uma manifestação religiosa de um catolicismo popular presente na cultura brasileira, mas não representa uma novidade dentro do Cristianismo.

O ritual de purificação por meio do autoflagelo do corpo

O autoflagelo significava a limpeza da alma e o ritual trazia a proteção divina do corpo contra a peste. O corpo, quando derramava o sangue, representava o elemento sacrificial do contato humano com a divindade, este sangue da penitência era reconhecido pelo grupo como o mesmo sangue que foi derramado por Jesus. Os seus benditos eram cantados no caminho da penitência ou na reza de um moribundo ou na salvação das almas. Rezavam à espera da morte, encaminhando pelas rezas o doente a um extasiante caminho para o céu, ou o divino, para que sua alma fosse purificada. Receberam e passavam esses cânticos e rezas por meio da oralidade, de geração em geração.

O padre exercia pregações para o público em geral nas pequenas cidades com vistas a combater os vícios e estimular as virtudes da caridade e do amor de Deus. Com o tempo estas pregações tornaram-se restritas a apenas alguns indivíduos pertencentes aos grupos de penitentes, ou seja, no início participavam da penitência pública todos que desejassem, depois tornou-se restrito ao grupo que conservou as tradições. Desde início da ordem, a identidade pessoal dos penitentes era mantida em segredo. Com sua reza e sua crença, o penitente se mantinha fiel e não revelava ao público leigo o que ouviu e viu através de seu capuz. O modo como os penitentes se comunicam com o mundo era feito por meio do sacrifício do corpo, o silêncio que cada penitente criava com a sua fé, reservando-se dentro de sua casa e mantendo-se em segredo até mesmo da sua família e do seu ofício, demonstram um enfrentamento social, que suas práticas não teriam de ser comuns, como a sua fé também.

Embora a tradição de autossacrifício do corpo seja bem antiga historicamente e remonte a Idade Média (Mauss, 2005) ela ainda persiste nos dias atuais. Mas a penitência do corpo em pleno século XXI causa a estranheza de quem olha e chamou a atenção da mídia. Quando eles começam a atender repórteres, pesquisadores e curiosos, suas identidades foram reveladas e seu ritual tornou-se motivo de espetáculo. Essa publicização dos penitentes e a espetacularização do ritual trouxeram mudanças que acabaram por impactar a própria comunidade e pode ter comprometido a continuidade dessa tradição religiosa baseada na oralidade, conforme se pode ver nas entrevistas com os últimos remanescentes desse grupo de penitentes.

Exposição midiática dos penitentes de Barbalha no documentário do SBT - Sistema Brasileiro de Televisão

Restaram apenas dois grupos de penitentes na cidade de Barbalha. Um localizado no Sítio Lagoa, liderado pelo Sr. Olímpio, e outro

localizado no Sítio Cabeceiras, liderado pelo Sr. Chico Severo. Ambos foram apresentados como o grupo dos penitentes de Barbalha em uma reportagem televisiva apresentada no programa SBT Repórter. Este programa faz parte da programação do SBT, TV brasileira aberta que ocupa o segundo lugar de audiência no Brasil. Para fazer a reportagem, a produção do SBT acompanhou um dia de manifestação religiosa dos penitentes durante a Semana Santa. Dessa forma, gravaram imagens dos penitentes andando em grupos, cantando seus hinos, com suas vestimentas características e, principalmente, o ritual de auto penitencia do corpo. Também gravaram uma entrevista com o líder de cada grupo na sua casa.

A reportagem do SBT tem por objetivo o espetáculo, tanto que o nome escolhido para o episódio é “Os prazeres da carne”. Trata-se de uma produção audiovisual televisiva, algo bem diferente de um documentário antropológico. O início do cinema, retratado pelo livro de Da-Rin, demonstra a produção de filmes que misturam a memória, incluindo o fato de o filme ter um título que se assemelhe ao cotidiano corrente ou enredo conhecido. Ele cita que, “por exemplo, a paixão de Cristo, gênero muito explorado nos primeiros anos do cinema, abordava a via crucis na forma de quadros relativamente autônomos” (Da-Rin, 2006:28). A produção cinematográfica é algo bem diverso de uma produção fílmica etnográfica que busca revelar os aspectos culturais e religiosos dos penitentes, longe disso, o programa do SBT tratou de destacar aspectos do ritual religioso que a visão etnocêntrica do telespectador médio chamaria de grotesco. Freire cita Jean Rouch, resumindo os termos: “quando os cineastas fazem filmes etnográficos, eles podem até ser filmes, mas não são etnográficos; mas quando os etnográficos fazem filmes, eles podem ser etnográficos, mas não são filmes” (Freire; Lourdou, 2009:18). De acordo com Freire, é preciso uma reeducação na forma de ver o filme, seria como educar o olhar, inclusive do pesquisador, priorizando, assim, a pesquisa audiovisual e, desta forma, a pesquisa antropológica. As culturas, por meio de valores, gestos, símbolos e rituais, se diferenciam e nas suas fronteiras entrelaçam seus valores, reconhecendo suas diferenças. Os antropólogos as entendem como culturas, porém o cineasta as entende como interpretações que irão fazer a representação espetacular de um sentido. Na pesquisa antropológica, busca-se o conhecimento e no filme, o entretenimento de um conhecimento.

O programa foi ao ar em 2 de agosto de 2010 e mostra o caminhar dos penitentes, ritual praticado na Sexta-feira da Paixão. Como é mostrado na Figura 1, os penitentes do Sítio Cabeceiras caminham com os moradores na saída da igreja em direção ao cemitério, cantando os benditos, conduzidos pelo primeiro Decurião segurando o cruzeiro.



Figura 1

Penitentes caminham com o cruzeiro

Reportagem do programa do canal SBT, exibido em 02/08/2010.

Na Figura 2, são exibidos os penitentes já no final da tarde, caminhando e cantando os benditos, indo às casas dos moradores pedir “esmolas”, que pode ser alimento ou até mesmo dinheiro. A reportagem revelou a identidade de vários penitentes, que foram retratados sem a máscara que cobria o rosto e que no início do ritual impedia que se soubessem quem eram. Segundo a reportagem do SBT, este ritual dos penitentes é bem aceito tanto pela Igreja quanto pela comunidade e incentivados para que não terminem a tradição.



Figura 2

Penitentes caminham pela cidade de Barbalhara para pedir as esmolas como ritual

Foto: Marcos Martinez Munhoz, Barbalha-CE, 2012.

Esta tradição se tornou pública pela própria exibição na TV, mas não foi bem aceita pelo próprio grupo de penitentes, conforme constatamos em entrevista realizada em 2012 com alguns membros. Eles disseram que acreditam que a penitência teria de ser somente para eles e não ser exibida, mas se tornou pública a pedido da própria Secretaria de Cultura da cidade. De certa forma, os rituais e gestos, como manifestações do corpo representando um Deus, acabaram sofrendo mudanças pela sua exposição midiática que tornou público um ritual que antes era privado.

Os penitentes da cidade de Barbalha do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

Nos dias 21 e 22 de dezembro de 2012, foram realizadas entrevistas com os líderes dos dois grupos de penitentes remanescentes da cidade de Barbalha. Os membros desses dois grupos são sítiantes e moram na zona rural nos arredores da cidade, suas casa simples são de difícil acesso, em ruas não pavimentadas nem urbanizadas. São pessoas simples, agrários, analfabetos e, mesmo com um grande esforço para assinar os documentos que autorizavam a publicação das entrevistas, fizeram questão de assinar o nome completo.

No primeiro dia, fomos recebidos na residência do senhor Olímpio Ludugero da Paixão que estava acompanhado pelo senhor Francisco Cruz Ludugero. No segundo dia, fomos recebidos na residência do senhor Francisco Severo, conhecido como Seu Chico Severo. Tivemos também, o acompanhamento e a orientação da secretária de Cultura, Maria Gorete Amorim, cujo papel era de intermediária, dando estrutura as perguntas e nos levando aos locais das entrevistas, sempre disposta a atender à pesquisa e a fornecer documentos relativos a história dos penitentes. Gorete, como secretária de Cultura da cidade de Barbalha, auxilia atualmente os penitentes, fornecendo sempre que necessário vestimentas, transporte e infraestrutura para o ritual. Fornece, também informações para pesquisadores, repórteres e outros interessados em conhecer estes dois grupos da cidade, pois, sem a presença dela, eles se negam a conversar com estranhos sobre o tema do ritual. Ela foi mediadora de toda o processo, estando sempre presente nas entrevistas.



Figura 3

Olímpio Ludugero na frente da casado Sítio Lagoa, com a disciplina na mão

Foto: Marcos Martinez Munhoz, Barbalha-CE, 2012.

O Olímpio é, atualmente, o primeiro decurião, ou o líder, do Sítio Lagoa. Muito simpático, bem conversador e determinado na sua fé, não acredita no erro ou na discórdia. Acreditando sempre em suas palavras e em seus atos com muita veracidade, explicou pacientemente sua história de vida, inclusive suas idas e vindas para as grandes cidades, como São Paulo. Mesmo conhecendo o mundo fora de seu sítio e de sua pequena cidade, nunca se afastou de sua fé e do seu ato de penitência. Francisco Cruz, a segunda voz ou o segundo decurião, menos falante, mais observador, concordou em ficar para entrevista e permaneceu por um período menor tempo conosco, concedendo apenas algumas pequenas frases, em respeito a palavra do primeiro decurião. Ele irá assumir o grupo, quando o primeiro se for. Olímpio sempre repetia esta frase, quando o assunto era morte: “Quando o senhor me quiser com ele, eu estou aqui esperando, ele pode vir agora, meu santo Cristinho, é ele quem decide”, diz olhando para o céu. Suas casas são próximas ao cruzeiro, atravessando por um pequeno caminho na mata. É no local onde se encontra este cruzeiro que os penitentes se organizavam e saíam para fazer sua caminhada de penitências, rezas e cantos.



Figura 4

Sítio Lagoa – Olímpio, à direita, e Francisco Cruz, à esquerda, no cruzeiro

Foto: Marcos Martinez Munhoz, Barbalha-CE, 2012.

Chico Severo, octogenário, é o mais velho de todos os penitentes. Mora no Sítio Cabeceiras, hoje rodeado pela cidade por causa do avanço da região urbana. Seu sítio fica próximo ao cemitério, que pode ser avistado, assim como a capela, ao se cruzar a mata. No dia da entrevista, encontramos Chico Severo segurando uma muleta para apoio sentado em uma cadeira na varanda de sua casa, na companhia de Doda. Gorete auxiliou a entrevista com perguntas para que ele pudesse entender melhor, atuando como uma espécie intérprete da entrevista. Chico Severo reconhece sua dificuldade em caminhar junto ao grupo. Gorete informa que ele não precisa mais ser um penitente, não porque ele não queira, mas por causa da idade avançada e da dificuldade em andar. Entretanto, ele continua sendo o líder do grupo porque é muito conhecido, admirado e respeitado.

Agrário, analfabeto e convicto da sua penitência, Chico Severo falou com muita seriedade sobre a história e os costumes de seu grupo. Em uma sequência de palavras que traziam a tona suas memórias, Chico Severo tratou da questão do ritual de penitência do corpo. Reconheceu também admiração pelo Padre Cícero, ícone na região de Juazeiro e do Crato, por ser um grande padre e pessoa, mesmo não sendo um penitente. Ele, inclusive, já esteve no pé da estátua do padre Cícero por diversas vezes, mas nunca esteve aos pés da estátua de padre Ibiapina, fundador da tradição de penitência na região. Ele relata que tem uma estátua dele na cidade de Crato, mas que nunca foi lá.



Figura 5

Doda, à esquerda, e Chico Severo, à direita

Foto: Marcos Martinez Munhoz, Barbalha-CE, 2012.

A origem do ritual de penitência: o autoflagelo do corpo

A origem da ordem dos penitentes do Cariri é semelhante à origem das irmandades de flagelante medievais que surgiram no contexto da Peste Negra na Idade Média. O grupo do Brasil se originou a partir do padre Ibiapina, que trouxe esta tradição para o nordeste brasileiro. A esse respeito Chico Severo esclarece:

Foi padre Ibiapina quem fundou. Foi Ibiapina quem fundou. Teve um tempo muito ruim, pesada no Crato-CE, aí onde padre Ibiapina andou, e aí deixou essas leis de penitentes – o cólera – pra fazer a penitência pra combater essas doenças. Teve a doença lá no Crato, aliás em todo o canto. Não dava nem tempo do Peão, abri a cova pra enterrar um, já vinha um outro monte, e quem cavava também caía na cova. Joaquim Mulato trouxe pra nós aqui, pra ver se combatia mesmo aqui a doença, que vinha do Crato. Fez casa de caridade, o cemitério ali, das Cabeceiras. Joaquim Mulato que era o chefe.

No período medieval, os rituais de penitência, que surgiram nos primeiros séculos da Era Cristã, serviam para domar os desejos da carne e as fantasias do espírito e para conter os efeitos da Peste Negra (Le Goff, 2007). Na região do Cariri, surgiram por causa da peste e da fome, incentivados pelo padre Ibiapina, que cuidava dos pobres e ensinava os benditos (Ribeiro, 2003:50). O grupo das Cabeceiras, chegou a reunir mais de 180 benditos, que rezavam o terço e utilizavam o “cacho”, espécie de instrumento com lâminas de metal para autoflagelo do corpo. A cada chicotada, as lâminas de aço reforçam uma atitude que passa pelo livre arbítrio e dessa maneira manifestam sua fé. A penitência é reforçada pela cólera, ou a epidemia do mundo.



Figura 6

Autoflagelo dos penitentes

Regional. Diário do Nordeste, 2010. Foto Honório Barbosa

O ritual de autossacrifício do corpo em Barbalha representa o sacrifício de Jesus, sempre citado como o “grande Salvador” ou como “aquele que morreu por nós”. Dele participam pessoas que levam a penitência muito a sério, pois veem nela o modelo de religiosidade vivido pelo próprio Jesus. Esse ritual é reservado somente aos homens, pois a tradição não reconhece a mulher como apta à penitência do corpo por sua fragilidade física. Segundo eles, a penitência é realizada por homens porque a mulher “não consegue suportar a dor”. As mulheres participavam somente quando os homens estavam dentro da Igreja e caminhavam separadas do grupo. Elas não eram penitentes e nem podiam andar aos pares, mas podiam cantar os benditos.

O autoflagelo, atualmente, não acontece mais, são feitas somente a esmola e a oração. Segundo Chico Severo, hoje eles caminham pela cidade, das 17 horas até a meia noite, passam pedindo esmolas, às vezes dinheiro, mas na maioria das vezes alimentos. Em algumas casas é oferecida uma mesa farta de bolos e alimentos para os penitentes. Na cidade de Barbalha, a peregrinação é vista com muito carinho pelos moradores, que fazem questão de recebê-los em suas casas e observá-los passar em procissão. Além da tradicional Semana Santa e outras datas religiosas, a procissão também podia ser realizada em prol da saúde de algum enfermo, ocasião em que eles rezavam todas as noites pelo doente, carregando o cruzeiro e cantando orações.

Espectacularização do ritual de penitência do corpo de Barbalha do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

O segredo que se manteve durante muito tempo até mesmo da família dos penitentes se perdeu após estes serem procurados pela mídia, que os expôs em público, tirando o seu anonimato. Embora do ritual de purificação por meio do autoflagelo do corpo fosse público, a identidade dos penitentes

era mantida em segredo, preservada por seu capuzes e por um pacto de silêncio entre seus integrantes.

Chico Severo falou também acerca da história do grupo de Penitentes de Barbalha:

Eu era ajudante de Joaquim Mulato, eu uso a roupa que era igual de Joaquim Mulato. Eu acho que significa, sabe que nos somos chefe. Este coração não tem relação com o cruzeiro. Nós não somos penitentes. Nós se sair daqui sem esse cruzeiro, não somos nada, tem de levar o cruzeiro. Quem leva o cruzeiro é chefe, tem e nós vamos cantando atrás. O chefe tem de ter o ajudante, pra tirar o bendito e os outros responde. O chefe lidera, ele vai ver se alguém do grupo está fazendo alguma coisa errada. Hoje não, mas antes a gente via se alguém tava jogando baralho, ou pegasse bebendo cachaça. Hoje todo mundo bebe cachaça.

Admirador de Joaquim Mulato, Chico Severo afirmou que ele era “quem levava o grupo a sério”. Joaquim Mulato (1920-2009) foi primeiro decurião e por ocasião de sua morte foi sucedido por Chico Severo. Joaquim Mulato de Souza viveu no anonimato por quase 50 anos.

O ritual dos penitentes, desde o início, era secreto. Antigamente, não era permitida a apresentação do grupo nas cidades ou em local público. A penitência, segundo ele, foi feita para livrar o mundo da fome, da peste e da guerra. “A gente reza para se defender do inimigo”, diz ele. Além disso, ele foi seguidor do padre Ibiapina e manteve o celibatário solteiro. José Mulato de Souza informa que quando tinha oito anos, seu pai já era penitente e ele não sabia, ninguém sabia, somente a mãe dele. O clima de mistério que originava as características dos penitentes mantinha as tradições do grupo. Eles utilizavam os capuzes com aberturas somente para os olhos. No Sítio Cabeceiras, as cores negras das vestes somente traziam faixas brancas e no centro, em vermelho, “o sagrado coração de Jesus”. O penitente, segundo Joaquim, só caminhava à noite para seguir o anonimato. Esta tradição tem aproximadamente 160 anos e era mantida pelos penitentes da cidade de Barbalha organizados no Sítio Cabeceiras, no qual o penitente, nesse movimento religioso, tem de domar os desejos da carne e as fantasias do espírito por meio da penitência, sendo que o ritual é preservado como antigamente. Nesse tempo, a penitência era realizada em ritual privado, a identidade dos penitentes era desconhecida e somente revelada na morte, como se pode observar na fala de Chico Severo:

Quando morria um, podia ser ou não penitente. A gente rezava a noite todinha com ele, e de manhã a gente enterrava ele. Ele só ficava conhecido pelos outros como penitente porque a gente levava a roupa dele, ele ia vestido assim do mesmo jeito que eu tô, com a roupa de penitente. A esposa, então, tinha de concordar que ele era um penitente, para que fosse colocado a roupa nele, no caixão. Hoje tudo é conhecido, todo mundo já conhece a gente. Até é bom, que a gente saia meia noite, pelo mato, no escuro e não via nada. Hoje a gente anda de dia, não tem mais perigo de buraco, de brejo, de unha de gato.

Mas aos poucos o ritual foi sendo publicizado. Apareceu em reportagens de jornais, documentários televisivos, a própria prefeitura incentivou para que esta prática religiosa se manifestasse como expressão de cultura popular. Segundo Chico Severo:

Os penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes só andava na meia noite, dentro de casa, sozinho. O povo não conhecia os penitentes. Eu comecei a anda nos penitentes com 8 anos de idade. Depois que o prefeito pediu que nos andasse de dia na cidade, o povo ficou ficaram nos conhecendo, aí vieram os repórter, ainda os penitentes descuidavam, aí começaram a descobrir as casas dos penitentes. Nas cidades, só ficamo andando depois que o prefeito no pediu pra gente ir né. Quem ninguém conhecia o que é. Aí depois o repórter foi levando pra tudo quanto é canto.



Fonte: Regional. Diário do Nordeste, 2010. Foto: Heitor Barbosa

Figura 7

Penitentes com os rostos cobertos

Foto: Revista patrimônio, Fortaleza-CE, 2002

Indagado se hoje, depois que todo mundo conhecer os penitentes, ele considerava que os penitentes perderam seus valores principais, Chico Severo responde:

Eu acho que não. Os penitentes são os mesmos. A gente só vai saber quando chegar lá. Mas a gente não sabe se Deus vai aceitar a gente assim descoberto, que antes a gente se cobria e hoje não.

O fim da tradição dos penitentes da cidade de Barbalha do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil

Dentre os vários assuntos tratados durante as entrevistas, a questão da falta de perspectiva de continuidade da tradição se destacou. Trata-se de uma tradição passada de geração em geração, baseada na oralidade, que enfrenta dificuldades de prosseguimento. Sobre o possível fim do ritual religioso dos Penitentes da Cabeceira, Olímpio diz:

Esta nossa tradição está meio difícil de continuar! O decurião Severino Rocha está no hospital, e está meio assim. Este homem é o mestre do Sítio Cabeceiras e não tem mais condições de nada. Ele está no hospital e ele é o principal do grupo de lá. Eu fui ontem no hospital e fui rezar por ele.

Caso o primeiro decurião venha a falecer, a segunda voz, ou o segundo decurião, assume. Assim, quando um mestre falece, a segunda voz se torna a primeira. Esta tradição está difícil de continuar por causa do envelhecimento e morte dos mestres e da não sequência do ritual pelos jovens.



Figura 8

Foto publicada em jornal: dos penitentes com o rosto descoberto

Foto: Augusto Pessoa. Diário do Nordeste, 2008.

Os ritos desta tradição são repassados formalmente de pai para filho, cabendo ao filho escolher entre ser penitente ou não. E a nova geração não quer dar continuidade a essa expressão de catolicismo popular. Segundo Olímpio relata:

Meu avô era penitente, e o meu pai também foi. Quando eu quis ser, meu pai não queria; mas meu avô me ensinava escondido e meu pai depois de me ver fazendo direito, me deixou continuar, e me entregou o cruzeiro perto da sua morte, que da mesma forma que o meu avô o fez com ele. Este mesmo cruzeiro é a cruz que representa a de Jesus e nos guia abrindo nosso caminho na mata e fazendo conforme nosso senhor quer. A gente caminhava à noite, sem qualquer luz artificial, a cidade era pequena, caminhávamos dentro de sítios, ruas de terra e cruzávamos riachos cantando nossa oração... Agora, o grupo está se acabando, os filhos aprendem com o pai, como pai fez comigo. E esses jovens, não prestam atenção em nada.

Francisco Cruz, então, completa:

É porque o penitente, que o penitente é que nem um cantor. O penitente tem de tirar o bendito da memória, tem de ter memória. Os jovens de hoje não sabem fazer isso de cantar os vinte e cinco pés sem errar. Nenhum jovem hoje se dedica pra isso não. Eles não prestam atenção nas coisa. A segunda voz não presta atenção na primeira, e tem a mesma obrigação, mas não presta não. A segunda voz tem de saber continuar, o canto da primeira voz quando tira, a segunda voz tem de saber e tem de acompanhar. Esse pessoal novo de hoje não tem como acompanhar.

E Francisco Cruz continua:

O primeiro decurião morreu tem de poucos dias, o segundo que agora é o primeiro está internado. Então somente a terceira voz com a quarta vai fazer os cantos, mas conforme Olímpio, não vai dar sequência, por que não sabe e o grupo então tá se acabando. Aqui nós somos a primeira com a segunda, lá nas Cabeceiras, já está da terceira com a quarta voz, que já não tem sentido e não sabe. Se o Severino que já está se acabando e o seu Zé Preto também se acaba, a terceira e quarta voz não sabe

fazer. Eles têm de voltar daqui do cruzeiro pra lá, porque não pode mudar. Tem de rezar do jeito que o decurião fazia. O problema é que não pode mudar. Deus quem decidiu assim. Isso é passado pelo primeiro decurião pro segundo. Não é só chegar aqui e cantar, não é isso. A doutrina já vem de lá – diz apontando para o céu.

Olimpio ressalta a tradição oral do ritual:

O nosso canto não está escrito em livro, jornal ou qualquer outro lugar, ressalta Olímpio, é sim uma revelação de Deus, pois assim é que ele quer. A doutrina vem de Deus. Foi quando o Anjo Gabriel adornou no mundo e aquele pregador, que é o santo, vi que o meu avô dizia para o meu pai e ele dizia: "Frei Caetano, Frei Celine, Frei João é o pregador. Saiu andando no mundo e pregando, conseiando é o missionário, chamou os missionários, ele foi pregador, ensinando tudo o que se tem de fazer".

A comunidade dos penitentes do Sítio Lagoa e do Sítio Cabeceiras sente que o grupo está diminuindo e que esta tradição "sagrada" está terminando, pois os jovens não tem mais interesse nesta prática religiosa. Estes dois grupos são determinados por regras criadas por eles mesmos, sem leis, ordens ou funções escritas, baseados somente na memória e na organização do imaginário. Levam esta prática popular como adoção do verdadeiro ato de fé religiosa, consideram que respeitam a Igreja Católica Apostólica Romana sem a contrariar, entendendo que, a imitação da penitência de Jesus seria uma forma de alcançar o paraíso ou ser perdoado pelos pecados. Este grupo se conduziu por regras de boa conduta na vida cotidiana, buscavam não se envolver com os problemas das grandes cidades, mas a exposição midiática e a participação em eventos culturais trouxeram um modo diferente de ver o mundo e mesmo de ser visto por ele.

Considerações finais

Na cidade de Barbalha, localizada no sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil, pessoas comuns realizam rituais religiosos de autoflagelo do corpo, assumindo por meio de seus gestos, vestes, instrumentos e cantos uma conduta religiosa de autossacrifício. São pessoas geralmente ágrafas que herdaram essa tradição do pai e do avô passada pela oralidade ou foram influenciadas pela cultura popular religiosa local. Em Barbalha ainda existem dois grupos isolados, um no Sítio Lagoa e outro no Sítio Cabeceiras, que lutam para manter esta tradição cultural religiosa que está morrendo pois os jovens da comunidade não se propõem a dar sequência aos rituais. Esse ritual é uma manifestação de religiosidade do catolicismo popular e não tem apoio da Igreja católica oficial. Trata-se de um tipo de manifestação religiosa muito antiga e remonta ao período medieval.

Estes penitentes mantiveram por muito tempo essa tradição de religiosidade popular em segredo até mesmo de suas esposas, famílias e vizinhos, reservando-se como penitentes por vocação religiosa e não para serem um modelo a ser seguido. Durante muito tempo os penitentes se reuniam em um ritual privado e mantinham sua identidade preservada, mas hoje a tradição se tornou pública. Houve uma publicidade do ritual incentivado pela prefeitura da cidade de Barbalha, em busca de visibilidade de sua cultura popular regional e houve também uma

exposição midiática com o documentário do SBT. Esta tradição religiosa e popular se tornou pública pela exibição na TV em 2010 de um documentário sobre suas práticas de autopenitência, mas não foi bem aceita pelo próprio grupo de penitentes, conforme relatado em entrevista realizada em 2012 com alguns de seus membros que participaram do documentário e tiveram suas identidades reveladas. Essa publicização, não desejada pelos membros dos grupos penitentes, pode explicar, em certo sentido, porque não se encontram novos adeptos para dar continuidade ao ritual que tornado público não garante mais o anonimato de seus penitentes. Consequentemente, essa tradição pode vir a desaparecer com a morte de seus últimos remanescentes.

Nesse sentido, é possível concluir que, por vezes, os meios de comunicação, em particular a televisão, podem intervir em processos culturais e religiosos, em tradições regionais seculares e contribuir para que a herança cultural de uma nação sofra perda irreparáveis. A midiaticização de processos culturais particulares pode levar a transformações profundas na cultura de uma comunidade e no seu modo de experienciar a religião. A exposição midiática excessiva pode contribuir para a desintegração de identidades culturais locais pertencentes a comunidades tradicionais. O vínculo de pertencimento pode ser rompido dada a abertura para públicos distintos de práticas culturais que por séculos se mantiam restritas a determinado grupo social. Isso ocorre porque a mídia, com vistas apenas à audiência e à mercantização do espetáculo, age sem ética e sem sensibilidade, não respeitando a alteridade desses povos. Assim, o trabalho dessa mídia espetacular acaba por afetar e alterar uma tradição do passado que enquanto existe contribui para construir o ethos de uma comunidade.

Referências

- Da-Rin, S. (2006). *Espelho partido*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- Freire, S. N. R. (2001). "O coro dos penitentes: uma outra abordagem para o ensino da arte". Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, Crato-CE.
- Freire, M. e Lordou, P. (2009), *Descrever o visível: cinema e documentário e antropologia fílmica*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Laraia, R.de B. (2011). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar,
- Le Goff, J. (2007). *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Mauss, M. H. Hi. (2005). *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify.
- Oliveira, C. M. (2006). "Glorificação dos santos franciscanos do convento de Santo Antônio de Paraíba: Algumas questões sobre a pintura, alegoria barroca e produção artística no período colonial", in: *Revista de História e Estudos Culturais*. UFPB, vol. 3, ano III. N.4.
- Ribeiro, J.M.C. (2003). "Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)". Dissertação (mestrado), UFC, Fortaleza.
- Suess, G. P. (2001). *Catolicismo popular no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola.
- Taylor, E. *Primitive Culture*. Londres: John Mursay Co, 1871.

Vieira, M. D. P. C. (2001). “Os penitentes do rosário da mãe de Deus: Conformismo ou resistência”. Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, Crato-CE.

Autor notes

- * **Regina Rossetti.** Brasileira. Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) com Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Pesquisa Pensamento e criação na Comunicação. Áreas de interesse: filosofia da comunicação, epistemologia e teoria da comunicação. rrossetti@uscs.edu.br
- ** **Marcos Martinez Munhoz.** Brasileiro. Doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Mestre em Comunicação pela USCS (Brasil). Áreas de interesse: comunicação e religião; mfradini@hotmail.com